

**Concurso de miss infantil:
análise de discursos ligados à cultura da pedofilia**

*Children beauty pageant:
an analysis of discourses linked to the pedophilic culture*

Mayane HUMENIUK¹
Fábio Lucio ZANELLA²

Resumo

Esse artigo apresenta uma análise do quadro Concurso de Miss Infantil, do Programa Silvio Santos, veiculado pela SBT, e dos comentários dos usuários do Facebook em relação à competição. O objetivo é entender como os padrões de beleza impostos ao sexo feminino reforçam e sedimentam a cultura da pedofilia, em que essa prática é naturalizada pela sociedade de forma velada, e porque a mídia reforça esse funcionamento ideológico ao impor padrões de beleza às mulheres. Analisaremos o quadro através da Análise do Discurso Francesa, e identificaremos nele formações discursivas inerentes à imposição de padrões de beleza e comportamento em meninas de 7 a 10 anos de idade. Discorreremos sobre os comentários feitos nos vídeos postados no Facebook. Como critério, selecionamos os comentários com mais interações na rede social, sejam elas comentários em resposta ou reações disponibilizadas pelo Facebook.

Palavras-chave: Padrão de beleza. Pedofilia. Corpo infantil. Sexualidade. Feminino.

Abstract

This article presents an analysis of the segment Children Beauty Pageant, from the Silvio Santos Show, broadcasted by SBT, and the comments from Facebook users regarding the competition. The objective is to comprehend how beauty standards imposed on women reinforce and consolidate the pedophilic culture, in which the practice is naturalized by society in a inexplicit way, and why the media reinforces this ideological functioning by imposing beauty standards on women. We will analyze the situation based in the French Discourse Analysis, and identify within it Discursive Formations inherent to the imposition of beauty and behavior standards on girls aged 7 to 10 years old. We will discuss the comments made about the videos posted on Facebook. As a criterion, we selected the comments with the most interactions, whether they are replies or reactions made available by Facebook.

Keywords: Beauty standards. Pedophilia. Children's body. Sexuality. Feminine.

¹ Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário UNIVEL. E-mail: mayanehlara@gmail.com

² Mestre em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor do Centro Universitário UNIVEL. E-mail: fabio.zanella@univel.br

Introdução

A pedofilia é uma doença classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde os anos 1960 e é uma psicopatia pouco comum. O que é comum, no entanto, é a ocorrência de casos de abuso sexual contra crianças. Em matéria do Jornal Estado de Minas (12/2020)³, observamos que o Disque 100 recebeu, em 2019, cerca de 17 mil notificações de violências sexuais contra crianças e adolescentes, 82% dessas crianças sendo do sexo feminino. Segundo dados de 2020 da Unicef, a idade média de iniciação do sexo no Brasil é de 12 anos para meninos e 13 anos para meninas. Hoje, no Brasil, segundo o artigo 217 do Código Penal, sexo com crianças menores de 14 anos é estupro de vulnerável.

Afinal, existem tantos portadores da psicopatologia no mundo ou a prática pedófila se tornou normalizada e vista como comum aos olhos da sociedade? Qual o papel da mídia nisso? É relevante analisar o fato de que, desde crianças, as mulheres são sexualizadas e que, quanto mais velhas ficam, menos desejadas se tornam. Essa ideologia é reflexo do impacto dos padrões e imposições à estética feminina a respeito do corpo jovem. Em filmes, séries, na indústria fonográfica, do cinema e da moda, e até mesmo em produtos jornalísticos, esses padrões são apresentados.

Essa pesquisa será feita com base na Análise do Discurso de orientação francesa que, na prática, é um aparato metodológico que considera a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise para perceber o funcionamento da ideologia por meios dos enunciados.

Para Pêcheux (*apud* BRASIL, 2011), o sujeito do discurso revela um posicionamento constituído pelo atravessamento das ideologias no contexto social no qual está inserido. Nos dizeres, o uso das palavras é resultado do esquecimento que o determina, é a significação do fenômeno da interpelação do indivíduo em sujeito do seu próprio discurso. Logo, o discurso e o sujeito são indissociáveis, visto que não há sujeito fora da ideologia, mas a ideologia determina aqueles sentidos que naturalizamos, tudo o que inconscientemente consideramos “aceitável” em nosso contexto, muitas vezes sem perceber que há outras ideologias fazendo “ecos” nos dizeres da atualidade. Assim, por

³ Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/12/01/interna_nacional,1216314/video-entenda-como-a-cultura-da-pedofilia-esta-presente-na-sociedade.shtml>

meio da Análise do Discurso, é relevante perceber os sentidos do que é dito e as memórias que carregam os dizeres na atualidade e no contexto das tecnologias.

Análise do discurso francesa

Ao falarmos de discurso e de linguagem como representação das ideologias, devemos começar pelo meio em que hoje o ser humano se sente mais seguro para expressar sua opinião sem grandes barreiras, e que é grande matéria para estudos comportamentais e discursivos: a internet. Como apresentado por Orlandi:

São materiais de reflexão para todo analista de discurso: os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, os silêncios e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição para a compreensão dos processos de significação (ORLANDI, 2015, p.19).

Nas relações virtuais, a ideologia se destaca de forma mais agressiva e, em tempos, até mesmo equivocada. Althusser (1980) explica que, nas ideologias, não se representam as reais relações que moldam e guiam nossas vidas diariamente, mas a relação imaginária desses indivíduos, conforme a própria percepção, sobre essas “reais” relações. A internet, ambiente *virtual*, é exemplo vivo e operante dessas relações imaginárias que a ideologia representa.

Em um ambiente em que as ideologias se materializam de forma mais hostil, os preconceitos, discriminações, relações de embate e luta de classes tomam força. Assim, também é naturalizada a ideologia que estabelece uma posição de poder e opressão sobre outros. Para Althusser (1980), as ideologias se constituem junto às formações sociais, logo circundam a sociedade justamente com preconceitos, luta de classes e entraves que permeiam as relações sociais e mantêm o funcionamento do sistema dominante.

No caso dos comentários nos vídeos do quadro “Concurso de Miss Infantil”, existe essa manutenção por meio do discurso, pois adultos elogiam, criticam e aconselham meninas de 7 a 10 anos por seus maneirismos e comportamentos maduros – ou não.

Conforme Orlandi (2015), o discurso é a palavra que se move, estudando o discurso, observamos o homem falando. Esse falar não é físico e nem literal, mas ideológico, e quando o discurso se materializa pelo homem, as ideologias a que ele pertence, falam. Os estudos de Foucault confirmam:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantos, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo: é também aquilo que é o objeto do desejo; (FOUCAULT, 1996, p.10)

Utilizaremos da análise discursiva para desvendar essas ideologias na formação discursiva (FD), no pronunciamento da massa diante de um conteúdo reproduzido a nível nacional e que reforça ideologias de apoio à discriminação entre os sexos e de controle sobre crianças em perspectiva a comportamentos adultos.

Contexto do quadro veiculado

O quadro Concurso de Miss Infantil fez parte da grade do Programa Silvio Santos durante parte do segundo semestre de 2019 e mantém uma página para inscrição no site da emissora até hoje. Durante o período em que foi ao ar, o concurso nomeou duas vencedoras: a paranaense Giovana Pawell, que na época possuía 9 anos, e a catarinense Rafaella Schmitz, que na época possuía 10 anos.

Em setembro, na segunda edição da competição, uma categoria de roupa de banho foi adicionada e as garotas tiveram que desfilar de maiô. O episódio gerou grande polêmica, principalmente entre a audiência feminina, que repudiou a necessidade de expor as meninas em rede nacional. Em matéria⁴ do Jornal Online Veja São Paulo, veiculada em fevereiro de 2020, lemos que a emissora teve de responder judicialmente pela exposição das crianças, através de inquéritos civis gerados pelo Ministério Público do Trabalho e Promotoria de Justiça de Osasco, através do promotor Ismael de Oliveira Mota. O resultado dos inquéritos nunca foi divulgado.

A prática dos concursos de beleza infantis é legalizada, esses eventos foram iniciados nos anos de 1960 e amplamente realizados, principalmente nos EUA. Críticas a esses concursos também são recorrentes, visto que essas competições têm relação direta com a autoimagem e autoestima dessas crianças; muitas delas desenvolvem distúrbios alimentares e sofrem com o assédio sexual.

Nesse momento da pesquisa, levaremos em conta as Sequências Discursivas enunciadas pelo apresentador do programa, Silvio Santos, pelas crianças concorrentes,

⁴ Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/concurso-miss-sbt-inquerito/>
Fonte também da Figura 06.

pelos pais dessas crianças e pelos telespectadores que se manifestaram na internet. Para análise, selecionamos os comentários mais curtidos e respondidos nas publicações em que constam vídeos com os momentos mais importantes da competição, postados na página oficial do Programa Silvio Santos no Facebook.⁵

Análise dos comentários e elementos visuais

A Análise do Discurso considera, como objeto de análise, as materialidades por meio das quais se percebe o funcionamento da ideologia entre os sujeitos. Assim, em qualquer forma de linguagem, há um discurso que é produzido por um sujeito manifestando suas impressões e suas percepções que são efeito ideológico inconsciente. Por esse motivo, nesse estudo, também serão analisados os elementos não verbais utilizados pela própria emissora ao anunciar as etapas do concurso para perceber os possíveis efeitos de sentido.

Primeiramente, é relevante apresentar uma definição para discurso:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas (...) situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa (PÊCHEUX, 2014, p. 76).

Ao compor o programa, a montagem de cada etapa do Concurso de Miss Infantil apresenta uma linguagem visual específica que indica a filiação ideológica de seus organizadores. Percebe-se que, para os criadores, organizadores e até mesmo para o apresentador e dono do programa, Silvio Santos, há uma vinculação a uma formação discursiva filiada aos padrões de beleza, reforçando também a ideologia capitalista. A naturalização da exposição das crianças em razão de um valor social, considerando “normal”, é resultado de um efeito de evidência que os constitui inconscientemente no seu assujeitamento ideológico.

Como é sabido, os pais dessas crianças não apenas aprovam, como incentivam essas situações e competições. Durante um dos episódios do quadro, que será analisado

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1487099358114113>> e <<https://www.facebook.com/watch/?v=696167110854172>>.

aqui através de imagens retiradas de vídeos publicados na página oficial do programa no Facebook, notamos que as competidoras apontam como as fantasias e trajes que usam foram criados pelas próprias mães.

Figura 01: Menina fantasiada de Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Site do SBT (2019).

No *frame* retirado do episódio que foi ao ar no dia 14 de julho de 2019, Figura 01, podemos observar uma das participantes fantasiada de uma das figuras religiosas mais populares no contexto nacional: a santa Nossa Senhora Aparecida. Contextualizando a fase da competição, nesse momento as meninas deveriam vestir fantasias temáticas e divertidas que a representassem de alguma forma.

Observa-se que esse tipo de caracterização retoma a memória sobre os atributos da santa que, segundo a história bíblica, era virgem e extremamente obediente aos preceitos divinos.

“Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre; então, Isabel ficou possuída do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre!” (BÍBLIA, 2011, p. 845, Lc 1:39-45).

Desse modo, há um deslizamento do sentido, pois procura associar um efeito de sentido, relacionado à pureza ou à inocência, oriundo da memória do discurso religioso, para trazer identificação aos sujeitos filiados à formação discursiva cristã católica.

Com o comentário apresentado na sequência discursiva 1 (apresentada como SD1 para abreviar e identificar melhor as sequências durante o texto), veremos que o público adulto se sentiu extasiado ao ver um de seus maiores símbolos de castidade e pureza representado em uma formação discursiva de homenagem religiosa, por uma

garotinha. Veremos também que as meninas que se apresentaram com outras fantasias tiveram um retorno mais negativo vindo dos sujeitos identificados com a FD cristã, enunciando dizeres de desaprovação:

SD1: “A garotinha vestida de Nossa Senhora Aparecida era a mais lindinha, meiga e educada. Tinha uma aí que ficava mandando beijinhos que é insuportável desde criança.”

Historicamente, a figura da mulher sempre foi rodeada por tabus a respeito de pureza e castidade, assim como esse conceito sempre foi paralelo à sexualização desenfreada de mulheres, principalmente em sua idade mais jovem.

No livro “Pureza é poder: porque as mulheres perdem quando cedem”, a autora Lisa Bevere (2016) apresenta aspectos da sexualidade feminina determinados por meio de uma formação discursiva cristã. A autora descreve a conversa que teve com adolescentes de sua congregação eclesial que, segundo ela, sabiam pouco sobre as questões sexuais, mas se mostravam muito curiosas a respeito:

— Claro, eu acho uma ideia excelente. Vão em frente e se vistam como prostitutas, se vocês querem atrair um homem que gosta de prostitutas. É como pescar — a isca que você usa determina o que você vai fisgar. Então, se vocês querem fisgar um sujeito vulgar, devem se vestir de forma vulgar.

Elas ficaram um pouco perplexas, então continuei:

— Não estou dizendo que é errado se vestir de forma atrativa ou estar na moda, mas vestir-se de forma sugestiva só é apropriado atrás de portas fechadas, entre um marido e sua esposa. (BEVERE, 2016, p. 12).

Nas FDs religiosas, é comum atrelar o corpo feminino a um tesouro que precisa ser mantido, ao mesmo tempo que, para as que não seguem essas regras, é imposta a expectativa de uma personalidade vazia intelectualmente, assim como é reforçado um imaginário de não se conseguir uma vida feliz. Para Beauvoir, a entidade homem decide o que uma mulher é ou não, porque a percebe apenas como sexo. “Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente” (BEAUVOIR, 1970, p.10).

Desse modo, por meio da SD1, percebe-se o funcionamento de uma formação discursiva que determina padrões de comportamento que são impostos para pessoas do gênero feminino desde o começo de suas interações sociais.

Segundo Beauvoir (1970), o papel feminino é construído pela sociedade. Em frase celebre, a autora diz que a mulher não nasce mulher, mas se torna em mulher através do papel da socialização, que decide o que é ou não o feminino. No desenvolvimento da forma como a sociedade entende as crianças, esse padrão é parecido, apesar de ser mutável, conforme as eras históricas. É comum notar que a evolução na compreensão dos maus tratos infantis caminhou em ritmo mais lento do que a da necessidade das mulheres em se tornarem seres independentes, por exemplo.

Segundo Alves e Silva (2011), a concepção de infância foi sendo construída e evoluindo ao longo da história, na sociedade medieval a criança era indiferenciada do adulto. O processo de entendimento da criança como ser social foi lento. Também conforme Foucault (1998), a utilização do termo pedofilia no Discurso Jurídico não é tão antiga, o que havia na formação discursiva cristã a respeito de interdições sexuais eram o incesto e a relação sexual fora do casamento. “Na lista dos pecados graves figuravam o estupro, o adultério, o rapto, o incesto e a sodomia” (FOUCAULT, 1988).

SD2: “Lindas, pareciam a boneca Barbie, maravilhosas.”

Um dos brinquedos mais famosos da história, a boneca Barbie, citada na sequência discursiva 2 (SD2) como símbolo de beleza e jovialidade, tem por oficial o objetivo de se prestar a um papel de bom exemplo para suas pequenas consumidoras. Lançada em 1959, a boneca americana foi a idealização do sonho de Ruth Handler, dona da Mattel e mãe de Bárbara, a menina a quem ela desejava presentear com uma boneca adulta (LORD, 2004).

A inspiração para a criação de Barbie é uma parte pouco conhecida de sua história. Ruth viu a possibilidade de realizar seu sonho quando, em 1956, fazia compras com a família em Hamburgo, na Suíça, onde conheceu a boneca Bild Lilli, uma boneca de origem alemã.

Figura 02: Tirinhas da personagem Bild Lilli.

Fonte: Jornal Bild-Zeitung. Créditos: Site Aventuras na História.

Segundo Steinberg (2001), Lilli era uma loura *sexy* e imoral, que enfeitava painéis dos carros de homens da Europa Central, com origem pouco documentada, mas que possuía fama como personagem de quadrinhos. Obra essa produzida por Reinhard Beuthien, para o jornal alemão Bild-Zeitung, que iniciou as publicações das tirinhas em 1952.

Lilli apresentava-se como uma derrotada no pós-guerra que fazia de tudo para trazer de volta sua prosperidade: estampada nas histórias de maneira pornográfica, ela costumava perseguir homens ricos em busca de dinheiro e sucesso. Transformada em boneca, Lilli era uma espécie de mascote para os homens adultos. (ROVERI, 2021, p.01)

Figura 03: Bonecas Lilli.

Fonte: Site Aventuras Na História.

Durante o processo de criação da boneca Barbie, segundo Lord (2004), diversas reformulações foram feitas para que ela fosse a representação completamente contrária da boneca alemã. Enquanto Lilli era um símbolo sexual ridicularizado de mulher do pós-guerra, Barbie, que levava o nome da filha de Ruth, era bem-sucedida, recatada e dona de seu próprio nariz. A melhor amiga das meninas, e não dos homens. Barbie era clara representação do sonho americano e tentava apresentar um padrão moderno de mulher, mesmo que sua aparência fosse também a de uma mulher sexy e idealizada.

A boneca Barbie se tornou um dos maiores símbolos capitalistas de consumo para crianças, assim como responsável por criar um estilo de vida imaginário que muito permeou as fantasias das garotas, as fazendo desejarem ser mais femininas e bonitas, assim como a boneca. “Barbie dividiu as bonecas dentro das culturas dominantes e marginais. A branca da Barbie a privilegia a não ser questionada, ela é o padrão para todas as outras” (STEINBERG, 2001, p. 333).

Na sequência discursiva seguinte (SD3), um dos internautas mostra insatisfação com a pouca participação de meninas negras na competição.

SD3: “Nenhuma criança negra para representar este país miscigenado.”

Sendo um dos comentários em que mais houve interações, diferentes pontos de vistas foram apresentados nas respostas, principalmente de discordância à SD apresentada. No entanto, através da análise histórica e representativa do produto Barbie, podemos notar que o padrão não é feito para pessoas diferentes do fenótipo da boneca, e esse padrão de beleza se estende também às crianças.

No entanto, a questão ultrapassa a estética. Para Safiotti (2001), a sociedade capitalista foi construída com base no poder do homem branco e rico, o que coloca a mulher negra e pobre no degrau mais baixo do privilégio financeiro e social, assim como se encontra sempre mais exposta à imposição de poder do primeiro lugar no que se trata de dominação ideológica: o homem branco. Dessa forma, seja em concursos que avaliam a estética padrão imposta em mulheres, ou na mídia em geral, que se pauta em viés capitalista, a criança negra será sempre representada em menor escala.

Ainda que a supremacia dos ricos e brancos tome mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFIOTTI, 2001, p. 16)

De fato, apenas uma menina negra participa de uma das edições da competição de beleza. Na outra edição, apenas meninas brancas compareceram, reforçando assim a ideia de que o padrão de beleza capitalista imposto pelo homem branco, com figuras como a Barbie, é branco.

Reforçado no imaginário capitalista de beleza da mulher, está também o ideal de que as belas mulheres sejam expostas como algo que se assemelha a um produto. A aparência da mulher é de fato um produto midiático, comercializado em filmes, músicas, peças publicitárias e até mesmo espaços de poder, como a política e o jornalismo; Magalhães (2000, p. 211) diz que a mídia indica uma imagem parcial das mulheres, nascida da visão dos homens. Na sequência discursiva abaixo (SD4), um dos internautas reforça a ideia de que meninas bonitas também devem ter sua aparência exposta no programa *Sílvio Santos*, que é popularmente conhecido pela participação de mulheres esteticamente dentro do padrão.

SD4: “Silvio Santos foi feito para andar no meio de belas donzelas, lindas e maravilhosas.”

São comuns, no entanto, episódios de constrangimentos causados pelo apresentador Silvio Santos às convidadas e às funcionárias da emissora SBT, normalmente relacionados a aparência, vestimentas e comportamento das citadas. Em postagem na rede social *Instagram*, em 2018, a cantora e apresentadora Cláudia Leite desabafou a respeito de um episódio em que foi constrangida pelo apresentador em uma edição do *Teleton*. Nesse episódio, Sílvio Santos disse que abraços o excitavam em um sentido sexual, logo após abraçá-la, além de ridicularizar as roupas que ela vestia no momento.

No texto, Cláudia diz:

(...) Quando passamos por episódios desse tipo, vemos em exemplificação, o que acontece com muitas mulheres todos os dias, em muitos lugares. Isso é desenfreado, cruel, nos fere e nos dá medo. A provocação vem disfarçada de piada, e as pessoas riem, porque acostumaram-se, parece-nos normal! E lá se vai a nossa vida, cheia de reflexões quanto ao que usar como artista, como empresária, como esposa, como amiga, como empregada, como patroa... como mulher.

Até que horas podemos estar nas ruas? Aprendemos a nos esquivar. Fizemos concessões porque fomos educadas assim. Mas, nós que somos vítimas! “Ah, mas se estivéssemos usando outra roupa?” Definitivamente a culpa não é do que estamos usando! A culpa é dessa

atitude constrangedora e de dois pesos e duas medidas. Somos livres!
(...) ⁶

No texto de análise do ocorrido “*Mas é com essa roupa?*”, Baronas, Conti e Mariano (2020) expõem que o episódio tomou proporção nacional através da internet, onde o comportamento do apresentador foi reprovado e grupos feministas se posicionaram para repudiar essa forma de assédio, assim como apoiadores do apresentador tomaram partido para definir o pronunciamento da cantora como “frescura” e “busca por um minuto de fama”.

A SD4, ao dizer que Silvio Santos *foi feito* para estar entre belas donzelas, apoia a ideia de que o apresentador esteja sempre rodeado de mulheres belas e que as crianças participantes do quadro Concurso de Miss Infantil são também essas belas mulheres, que podem ser condicionadas ao tratamento disposto pelo apresentador às mulheres adultas. De fato, apenas a existência do quadro expõe o fato de que os padrões de beleza e comportamento anteriormente apresentados na figura da boneca Barbie, são formações discursivas advindas da dominação capitalista do homem branco e rico, apresentada dessa vez na SD3, que trata da representação racial.

Figura 04: Concorrentes do concurso trajando maiô



Reprodução: SBT / Divulgação: Veja São Paulo.

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BqE0aiFILRF/?utm_source=ig_web_copy_link

O momento da competição no quadro Concurso Miss Infantil que mais chamou atenção popular e que se tornou decisivo para a desistência na criação de mais edições, foi o desfile em traje de banho, inserido na segunda edição do concurso. Acima, podemos observar que as meninas utilizaram maiôs e sapatilhas de dança e desfilaram e posaram para a plateia, assim como fizeram com os outros trajes, sendo eles o traje de gala e o traje de fantasia.

Abaixo temos alguns dos comentários a respeito da fase da competição, escritos em totalidade por mulheres:

SD5: “A miss que ganhou, ganhou merecidamente. No entanto, acho que as meninas não deveriam desfilarem com maiô, Maiôs para adultas mostram os atributos físicos, e para crianças não deveria ser assim, poderiam trocar por traje esportivo.”

SD6: “Amo o programa Silvio Santos, assisto todos os domingos desde sempre. Me acho no direito de pedir um favor. É desnecessário fazer as meninas vestirem maiô, mostrarem seus corpinhos tão inocentes.”

SD7: “Não acho legal a exposição das meninas em traje de banho!”

O ápice da grande polêmica foi o comentário feito pelo apresentador após o desfile das meninas, quando a plateia votaria em suas concorrentes favoritas.

Agora, vocês do auditório, que estão com o aparelhinho, vão ver quem tem as pernas mais bonitas, o colo mais bonito, o rosto mais bonito e o conjunto mais bonito. (Fala do apresentador Silvio Santos, no Programa Silvio Santos, dita em 22/09/2019)⁷

O comentário gerou insatisfação na web e processos judiciais foram abertos contra a emissora pela veiculação do concurso, vindos principalmente de profissionais e instituições de pedagogia e psicologia. A fala choca por estar ligada à formação discursiva que apresenta o corpo da criança como um corpo sexual, onde atributos ligados à sensualidade e sexualidade são relacionados à materialização de sua vitória no concurso.

O sexo está presente na infância em razão da anatomia, mas ausente fisiologicamente, também presente se por acaso a prática existir, mas ineficiente na questão reprodutora. Por fim, a sexualidade pode estar presente na infância em suas manifestações, mas velada em seus efeitos, que costumam aparecer patologicamente mais

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/concurso-de-miss-infantil-do-sbt-sera-investigado-pelo-ministerio-publico/>

tarde (FOUCAULT, 1988). Para Foucault, a sexualidade da criança foi legalmente interdita por uma questão de “saúde da raça”, já que a gravidez precoce apresentava complicações e, pela medicina, é considerada deficiente e incompleta. No entanto, o autor também apresenta o fato de que a introdução precoce da vida sexual causa patologias psicológicas muitas vezes permanentes.

Para Netto (2010), a sociedade busca na criança uma “superioridade” que não se trata de questões infantis, como ter tempo para brincar e ter todos seus direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e Adolescente, mas uma superioridade que diz respeito a atributos adultos e, principalmente, atributos sociais femininos. Para as crianças de sexo feminino, a socialização é forçada mais cedo. Beauvoir (1970) também explora em sua obra a forma com que a sociedade impõe à criança de genitália feminina o crescimento precoce em relação à de genitália masculina.

Desde o nascimento, a espécie toma posse dela e tenta afirmar-se; a mulher, vindo ao mundo, atravessa uma espécie de primeira puberdade: os oócitos crescem subitamente, depois o ovário reduz-se a um quinto mais ou menos, Dir-se-ia que uma pausa é concedida à criança; enquanto seu organismo se desenvolve, o sistema genital permanece mais ou menos estacionado: certos foliados incham, mas sem atingir a maturidade. O crescimento da menina é análogo ao do menino; com a mesma idade ela chega a ser um pouco mais alta e mais pesada do que êle. Mas, no momento da puberdade, a espécie reafirma seus direitos. (BEAUVOIR, 1970, p. 46-47)

Beauvoir relaciona a forma como a menina é maturizada quando criança por conta das genitálias e sistema reprodutor, ao que, ao mesmo tempo que é forçada a crescer mais precocemente, quando chega à fase adulta, é novamente infantilizada em comparação ao homem, que viveu, em um padrão, plenamente as fases da vida até ali. “Aos dez anos, a menina é mais fina e viva do que seu irmão; com vinte, o moleque é homem de espírito e a moça “uma grande idiota desajeitada, tímida e com medo de uma aranha”” (BEAUVOIR, 1970, p. 285).

A partir dessa maturação imposta socialmente, também se impõe para as meninas a sexualidade precoce. Nas sequências discursivas 5, 6 e 7, vemos formações discursivas contrárias à exposição sexual de meninas entre seus 7 a 10 anos de idade, já que ao pedir que a plateia julgue os atributos físicos das participantes, fica claro que o apresentador está alinhado à FD de que o corpo da menina, assim como o da mulher, é um produto sexual.

Essa naturalização da sexualização do corpo infantil feminino – ou, a termos grossos, cultura da pedofilia – se mostra aprovada, no entanto, através do fato de que o quadro Concurso de Miss Infantil foi criado e transmitido sem demais complicações, em nível nacional, como uma vitrine de corpos e comportamentos adultos em meninas de 7 a 10 anos.

Considerações finais

Motivado pelo estudo da chamada cultura da pedofilia, o presente artigo analisou o quadro Concurso de Miss Infantil, veiculado pelo Programa Silvio Santos, do canal SBT, assim como os comentários dos internautas nas postagens do Facebook da página Programa Silvio Santos a respeito do quadro. Através dessa análise, pudemos perceber nos idealizadores do concurso uma formação discursiva que naturaliza a exposição do corpo feminino e infantil como objeto comercial e sexual.

Pudemos também analisar que o corpo feminino tem imposto a ele discursos que o tomam como sagrado, ao mesmo tempo que, ligado a essa FD conservadora, está também alinhada a ideia de que é responsabilidade da mulher – e nesse caso, menina – manter seu corpo sacro, ou a está aguardando uma vida de infelicidades. Analisamos também a ligação capitalista e de segregação racial do padrão de beleza ligado à boneca Barbie, apresentado a meninas desde sua primária idade.

Por fim, sintetizando nossa conclusão, podemos compreender que o corpo feminino e infantil é desde cedo exposto aos mesmos desafios que o corpo adulto e que a maturação da menina acontece de forma social e sexual através de imposições da sociedade.

Referências

ALVES, Leidiane e SILVA, Halline. **Família e infância**: análise segundo Philippe Ariès. In: XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano - Conhecimento, formação e ética: a educação na contemporaneidade, 2011, Goiás: 2011, UFG, Curso de Pedagogia. Disponível em <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/1423>>. Último acesso em 15 de junho de 2021.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3.ed. Traduzido por: Joaquim José de Moura Ramos. Título original: *Ideologie et Apareils Ideologiques D'Etat*. Lisboa - Portugal: Presença, 1980.

BARONAS, Roberto Leiser; CONTI, Tamires Bonani; MARIANO, Daniel. “**Mas é com essa roupa?**”: questões analíticas acerca da polêmica de assédio de Silvio Santos e Cláudia Leite. In: COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. *Feminismo em convergências: discurso, internet e política*. Coimbra - Portugal, Grácio Editor. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Difusão Europeia do Livro. Traduzido por Sérgio Milliet. Paris – França. 1970.

BEVERE, Lisa. **Pureza é poder: porque as mulheres perdem quando cedem**. Rio de Janeiro, Editora Vida. 2016.

BÍBLIA, Português. **Bíblia João Almeida revista e atualizada**. Barueri-SP, Sociedade Bíblica do Brasil. 2011.

BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva**. Pouso Alegre, MG: Linguagem – Estudos e Pesquisas Vol. 15, p. 11-182. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LORD, M. G. **Forever Barbie: the unauthorized biography of a real doll**. New York, Walker & Company, 2004.

MAGALHÃES, Isabel. **O discurso do outro e a identidade da mulher: da colonização à década de 1990**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Os Discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo; FAFESP, p. 207-235. 2000.

NETTO, Carla Freitas Silveira. **Significado cultural dos bens de consumo em um concurso de beleza infantil**. PUCRS, 2010. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2571>. Último acesso em 30 de abril de 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12.ed. Campinas – SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Rosângela Gisoldi. **A representação social da criança em anúncios de moda na revista Vogue kids Brasil**. UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL, 2012. Disponível em: <http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/dissertacoes/2012/pdf/Dissertacao_Completa_PMC2012_Rosangela_Gisoldi_Orlandi.pdf>. Último acesso em 30 de abril de 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **A boneca Barbie e a educação das meninas:** um mundo de disfarces. Campinas-SP. UNICAMP. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3154--Int.pdf>> Último acesso em 23 de maio de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho.** São Paulo. Editora Moderna, 2001.

STEINBERG, Shirley R. A mimada que tem tudo. *In:* STEINBERG, S.R. e KINCHELOE, J. L. (Orgs). **Cultura Infantil:** A construção corporativa da Infância. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001, pp. 321-338.